



PADRE ANTÓNIO VIEIRA, O TEÓLOGO

(Father António Vieira, the theologian)

Alex da Silva Mendes

Mestrando em Teologia Prática pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)

RESUMO

O profundo enraizamento de Vieira em sua época não o impediu de ser aberto ao diálogo com as diferentes categorias de pessoas e atento a tudo o que podia ajudar a compreender os acontecimentos de seu tempo. Para esse jesuíta do século XVII, pensar a vida humana implica muito mais que uma análise contextual da política, da economia, da vida social. Para António Vieira, a Palavra de Deus é a chave hermenêutica dessa reflexão. Ela denuncia os desvios, esclarece, ajusta, purifica e orienta o olhar para o essencial do ser humano e de seu destino. Tentar segui-lo no itinerário que propõe exigirá de nós, talvez, recolocar algumas questões, pois para ele as interrogações formuladas pela fé podem ser feitas a qualquer pessoa e a qualquer domínio. Isso não se passa sem contínua confrontação nem sem problema, visto que ele "falava a um auditório para o qual o nobre era ontologicamente nobre; o clero, clero in aeternum; o vilão, vilão; o cristão, cristão; o judeu, judeu".

Palavras-chave: Teologia; História do futuro; Profecias; Preambula Fidei.

ABSTRACT

Vieira's deep roots in his time did not prevent him from being open to dialogue with different categories of people and attentive to everything that could help him to understand the events of his time. For this seventeenth-century Jesuit, thinking about human life implies much more than a contextual analysis of politics, economics, and social life. For António Vieira, the Word of God is the hermeneutical key of this reflection. It denounces deviations, clarifies, adjusts, purifies and directs the look at the essential of the human being and his destiny. To try to follow him in the itinerary that he proposes will require of us, perhaps, to return some questions, because for him the interrogations formulated by the faith can be done to any person and to any dominion. This does not happen without continual confrontation or without problem, since he "spoke to an audience for which the nobleman was ontologically noble, the clergy, clergy in aeternum, the villain, villain, the Christian, the Christian, the Jew, Jew".

Keywords: Theology; History of the future; Prophecies; Preambula Fidei.

INTRODUÇÃO

Um projeto teológico pode ser extraído da História do futuro que, segundo seu autor, seguiria um estilo histórico e profético. Entretanto, ele dirá mais tarde que sua História se compõe de profecias que vão além de um relato. Profecias que ele mesmo escolheu, reuniu, organizou conforme o que julgara ser uma resposta mais pertinente e mais persuasiva ao seu momento histórico. Essa preocupação de distinguir os estilos e de inscrever-se antes no estilo histórico não deve nos surpreender, porque sabemos de seus debates com a Inquisição em Portugal. De certo modo, ele usa esse argumento para eximir-se da presunção e da suspeita de ser um iluminado ou um profeta. O título dado à sua obra obriga-nos a olhar mais de perto sua



relação com o tempo no universo sacral em que se move, mesmo se no primeiro capítulo ele já tente dar uma justificação para o título que escolheu:

Mas porque não cuide alguma curiosidade crítica que o nome 'do Futuro' não concorda nem se ajusta bem com o título e nome de 'História', saiba que nos parece o chamar assim a esta nossa escritura, porque sendo novo e inaudito o argumento dela, também lhe era devido nome novo e não ouvido².

Sua justificação convida a procurar o sentido no campo dos argumentos. Tentemos, então, identificar seus argumentos, os elementos que os inspiram e os fundamentam. Em nosso procedimento, um primeiro momento tem por finalidade ajudar a compreender melhor a relação de Vieira com o tempo e sua maneira de concebê-lo teologicamente. Deus, o homem e o tempo: um diálogo fecundo é possível? Como ele compreende e gere a sucessão dos tempos: passado, presente e futuro? Essas reflexões nos levarão a nos perguntar, nesse desenvolvimento, qual seria o sentido e qual o lugar da esperança. Sobre quais fundamentos ela repousa e qual atitude ela supõe e exige daquele que invoca Deus?

Antes de nos lançarmos em sua compreensão da história, é nos indispensáveis seguir Vieira em seu modo de se referir a Deus. Isso por duas razões principais: a primeira para identificar não apenas a "imagem" que tem de Deus, mas sobretudo para verificar tudo o que ela pode evocar para ele da ação de Deus e de seu "lugar". A segunda razão, para favorecer a abordagem de sua antropologia, uma vez que a invocação de Deus revela aquele que o invoca.

O pressuposto fundamental que está na base e na origem de toda a sua interpretação é a fé: sua fé cristã. Um Reino por vir mobiliza todas as suas energias. Promessa, profecias, encarnação do Verbo de Deus o levam a fazer a articulação entre história universal e história particular, ambas aclaradas e compreendidas com a ajuda da Palavra de Deus. É plausível pensar a encarnação desse Reino na história?

1. OS IMPÉRIOS DO MUNDO

Vieira se aplicará em mostrar, no decorrer do Livro Primeiro, a necessidade desse Império. Ele o fará com a ajuda de sua leitura teológica da história e com o recurso às Escrituras, nas quais perscruta sentidos e equivalências de diversas situações. Como percebe ele a experiência histórica dos impérios já existentes? Qual a peculiaridade desse Império por ele preconizado?

Sem ignorar outros impérios da história, ele se ocupará apenas dos mencionados pela Escritura e se esforçará em provar que o Quinto Império já está anunciado pelos profetas. Antes de tudo por Daniel em sua descrição e sua interpretação do sonho de Nabucodonosor.

Por sua vez, Vieira reinterpreta esse sonho e nomeia os impérios e os reinos. Vê o Império Romano (dedos em ferro) em combate contra os turcos e em defesa da fé cristã. Mas há também a fragilidade dos reinos França, Inglaterra, Suécia, Espanha — que não chegam a unir-se e não reconhecem que a guerra travada entre eles é, em muitos casos, uma guerra contra seu próprio sangue. Vieira se lança com tal paixão nessa leitura que denuncia um deslocamento de energia: as energias que deviam servir para fortalecer o Império Romano

² António Vieira, HF I, v. p. 73-74.



contra os turcos foram dispensadas contra Portugal. A grande fragilidade desse Império é essa incapacidade de união.

A finalidade desse primeiro capítulo, na parte que precede o Livro Primeiro (Jesus, Maria, José), é mostrar, conforme a primeira profecia de Daniel, que após os impérios dos assírios, persas, gregos, romanos — a perdurar ainda quando Vieira escreve — haverá um Quinto e último Império. E segundo ele essa suposição é sustentada pela fé, pela experiência e pela razão.

No segundo capítulo, Vieira toma a visão de Daniel: as quatro bestas saídas do mar. Apoiando-se nos antigos comentadores, afirma que o mar e as tempestades significam respectivamente o mundo, as guerras e perturbações neste mundo quando do surgimento dos novos impérios. Analisa também a possibilidade de interpretação da frase da profecia em que é dito que uma nova monarquia aparecerá nos dias desses impérios. Para não situar essa monarquia no passado, Vieira se interessa por outra possibilidade. No sonho de Nabucodonosor não se trata de quatro entidades ou quatro pessoas, mas de uma só estátua. A duração pode ser tomada em seu conjunto e, desse modo, pode-se afirmar que Deus fará elevar-se no tempo desses reinos o Quinto Império.

No terceiro capítulo trata-se de continuar a argumentar em favor do Quinto Império, dessa vez com a ajuda de Zacarias. Ele mostra antes de tudo que a linha de sucessão dos reis (Nabucodonosor, Baltasar, Hidaspes) e dos profetas (Daniel e Zacarias) não é interrompida. E Deus não cessou de fazer suas revelações sempre prometendo um Quinto Império. A resposta do anjo a propósito da visão de Zacarias é, segundo os exegetas, tão enigmática quanto a própria visão. Como retomará Vieira a interpretação dos Doutores?

A seguir ele se aplicará a identificar quem são os vigorosos do Império Romano de que fala o Anjo em Zacarias 6. Eis sua linha de raciocínio:

- a) os romanos não conquistaram o mundo; eles não chegaram à América, que é uma metade do mundo;
- b) como então o Anjo poderia fazer alusão aos romanos dizendo que percorreram todo o mundo?

Vieira coloca em diálogo dois autores: Sanchez e Cornélio a Lapide. Sanchez identifica aos espanhóis os vigorosos de que fala o Anjo. A indicação "romanos" está largamente compreendida como a origem dos reis da Espanha vindos dos godos que lutaram pelo Império Romanos. Cornélio refuta. Vieira também, lembrando que a Espanha e Portugal foram colônias dos romanos. Eles eram cidadãos romanos. É por isso que os mais fortes dos fortes, a seu ver, são os portugueses, porque estes, mais que os espanhóis, mereceram a descoberta das terras do Oriente, por terem sido expostos ao maior perigo e ao maior desafio.

Mas no final do Livro Primeiro a frase permanece inacabada...



2. O IMPÉRIO DE CRISTO E DOS CRISTÃOS

Abre-se o Segundo Livro. Na tentativa de explicitar qual será esse Império, Vieira começa por uma definição importante para ele: “É conclusão certa e de fé que este Quinto Império de que falamos, anunciado e prometido pelos Profetas, é o Império de Cristo e dos Cristãos³”.

Ao fazer ainda alusão à profecia de Daniel, ele designa o Cristo como sendo a pedra que faz cair a estátua e as quatro monarquias. Para o simbolismo dessa pedra ele evoca os Padres e comentadores católicos e reconhece que por um lado os hereges, por outro os próprios rabinos compreendem que o Reino do Messias está aí profetizado¹. Para sua argumentação da analogia "Cristo-Pedra" Vieira apoia-se nos textos de Gênesis (28,10-22), Êxodo (17,1-7), 1 Samuel (17,40-52), Salmo (117), 1 Coríntios (10,3-4).

Para confirmar que esse Império é do Cristo, ele menciona a segunda visão de Daniel. Entretanto, apoiando-se sobre a mesma visão, observamos um acréscimo importante: esse império é o do Cristo e também dos santos do Altíssimo neste mundo. Esta é a interpretação que ele dá a Daniel 7,18: "Os que receberão os reinos são os santos do Altíssimo, e eles conservarão o reino para sempre, de eternidade em eternidade".

Para ele importa agora explicitar o que se deve compreender pelo termo "santo". E o faz argumentando por meio das Escrituras, principalmente da epístola aos Filipenses, dos Atos dos Apóstolos, da epístola aos Coríntios e da epístola aos Romanos. A palavra é para ser entendida associada à palavra "cristãos", como atestam diferentes passagens das cartas de Paulo aqui evocadas. Essa denominação, Vieira a justifica em virtude da santidade da lei do Cristo. Assim, vemos no corpo do texto três afirmações referentes ao reino e ao império dos santos.

Mas a que domínio pertence esse Império do Cristo e dos cristãos? Deve o mundo desaparecer para que essa nova realidade encontre seu lugar?

Para responder a essas questões, Vieira quer provar que tanto para Teodoreto (entre os Padres gregos) como para Tertuliano (entre os latinos) há um consenso a propósito da concepção do Quinto Império. Para ambos, esse Império é o do Cristo e dos cristãos. Mas é reservado para o outro mundo, pois, segundo Tertuliano, esse Império possui características incompatíveis com este mundo: ele é perpétuo, incorruptível e eterno.

Contudo, Vieira prossegue sua argumentação, que visa a demonstrar que esse Império profetizado por Daniel é terrestre e já se realiza aqui embaixo. Em sua profecia Daniel fala de uma "pedra que cresceu e se fez um monte tão grande que ocupou e encheu toda a terra". A noção de crescimento, segundo Vieira, não pertence ao céu, mas à terra, uma vez que a plenitude já foi atingida. Reconhece que esse Império subsistirá com o Cristo e os cristãos na glória da eternidade. Entretanto, afirma: "Mas nem por isso há de deixar de ter na Terra a grandeza que nestes textos lhe é profetizada e prometida, antes a razão de haver de ter tanta grandeza no céu, é porque a terá primeiro na Terra [...]".

Apoiado na segunda visão de Daniel, Vieira chama a atenção à nuance do texto, que não fala do reino do céu, mas do reino que está abaixo do céu. E os súditos serão os reis do mundo.

³ António Vieira, HF II, v. p. 277.



Para ele, evocar o serviço dos reis a esse Império é, pois, uma indicação a mais para mostrar que esse Império começa na Terra.

Como então compreender a asserção que diz respeito à dimensão eterna desse Império? Como pode ela coexistir com a afirmação de que esse Império pertence à Terra? Para Vieira, tudo se decide no nível de uma interpretação correta da palavra eternidade: "Pela palavra eternidade não se entende rigorosamente duração sem fim, senão continuação e permanência de muito tempo [...]"⁴.

As imagens da visão de Daniel, evocando quase uma cena do julgamento final, são para nosso autor a ocasião de explicitar sua compreensão e a distinção entre julgamento final e julgamento particular. Conforme Vieira, no juízo final Cristo virá julgar os vivos e os mortos no fim do mundo. No juízo particular, o Pai Eterno tirará os reinos das mãos dos tiranos para devolvê-los ao seu Filho. E mais: para que esses reinos sejam dados ao Cristo e aos cristãos.

3. O IMPÉRIO DO CRISTO NO MUNDO É ESPIRITUAL OU TEMPORAL?

Vieira procede ao exame da primeira possibilidade. Tendo como base o testemunho dos Evangelhos, ele olha o que Cristo fez, disse e pregou durante o tempo de sua vida terrestre. Eis, por ordem, os verbos que utiliza para falar de sua ação: ensinar, ser luz, alumiar, lançar fogo, encher e informar a lei, animar a letra pelo espírito, vencer o demônio e expulsá-lo do mundo, separar, pregar, abrir as fontes da graça, lavar por seu sangue, morrer por nós, dar seu amor. Está claro, pois, que seu Reino e seu Império são espirituais e continuarão a sê-lo. O quarto capítulo expõe a opinião dos que negam que o Império do Cristo seja temporal.

Sua pergunta pode ser assim formulada: o Império e o domínio espiritual excluem o domínio temporal? Ele não ignora que vários teólogos (tais como Vasques, Agostinho, Ambrósio, Atanásio, João Crisóstomo, Tertuliano), baseados na Escritura, consentem apenas no domínio espiritual.

De fato, muitas passagens das Escrituras podem ser evocadas para mostrar que o Reino e o Império do Cristo não são de modo algum temporal, mas estritamente espirituais — principalmente Salmo 2, Salmo 64, Isaías 9, Jeremias 23, Zacarias 9, assim como a passagem em que o Cristo, diante de Pilatos, afirma ser rei e acrescenta: "Meu reino não é deste mundo". Vieira explicita o argumento dos que não reconhecem que o Cristo tenha sido rei temporal. Se isso fosse verdade, diz ele, Cristo seria rei quer por direito natural, quer por direito divino ou humano. Por direito natural, ter-lhe-ia sido necessário ser filho ou herdeiro de um rei. Por direito divino, isso também não parece possível, pois quando a Escritura atribui a realeza ao Cristo ela não nos obriga a compreendê-la no sentido de um reino ou de um império temporal, mas evoca o sentido espiritual. Por direito humano, ter-lhe-ia sido necessário que a comunidade dos homens do mundo inteiro lhe desse seu consentimento e o elegeisse.

⁴ ABRÃO, Maria. Lembra-te do futuro: a teologia de António Vieira à luz da História do Futuro/Maria Abão – São Paulo: Edições Loyola; Recife, PE: UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco, 2012.



É no quinto capítulo que Vieira proporá e sustentará a opinião afirmativa, pois a seu ver não há incompatibilidade. Para sua argumentação, a categoria "tempo" é importante. O tempo permite fazer evoluir a compreensão dando-lhe novas luzes. Por isso dá um novo estatuto à palavra temporal e, a seguir, às realidades corporais. Desse modo ele recusará que o espiritual não considere o temporal. Sua afirmação o demonstra: "Nem sempre é maior a espiritualidade que se opõe ao corpo". Por essa expressão fica manifesto que Vieira quer estabelecer um diálogo fora do circuito do medo. Trata-se de um medo que rejeita tudo o que se refere à dimensão corporal e, associado a ela, à dimensão temporal. Ele assim o explicita:

Não fazem menos Santo a Cristo, nem querem fazer menos espiritual o Mundo, os que reconhecem em Cristo, o domínio temporal dele. Porventura ofende a Deus, enquanto Deus, o ser senhor e criador de todas as cousas corporais, e o ter em sua própria essência eminentemente as ideias de todas elas? Antes deixava de ser Deus, se assim não fora. Pois o domínio soberano, que é perfeição em Deus (digamo-lo assim), porque há de ser menos decência em Deus Homem?⁵.

O argumento de Vieira orienta-se então ao Criador de tudo. Colocando no próprio Deus, enquanto fonte de todas as coisas, a realidade corporal e temporal do homem, ele combate uma concepção falseada que colocaria o espiritual ao abrigo e distante de possíveis contaminações temporais.

Mas tentemos delimitar ainda mais sua compreensão do Império temporal do Cristo. Num primeiro momento ele o define negativamente. Este Império não é "submetido às mudanças e inconstâncias do tempo", não recebe a grandeza e as honras como é costume no mundo. Sobre este ponto, Vieira observa um consenso entre as Escrituras e os Padres. E fica assim orientado o sentido da palavra do Cristo: "Meu Reino não é deste mundo".

Positivamente, e este é o segundo momento, o Império temporal do Cristo é para ele:

um domínio soberano e supremo sobre todos os homens, sobre todos os reis, sobre todas as cousas criadas, com poder de dispor delas a seu arbítrio, dando e tirando reinos, fazendo e desfazendo leis, castigando e premiando, com jurídico tão própria e direta sobre todo o mundo como a que os reis particulares têm sobre seus vassallos e Reinos, antes com muito maior, mais perfeito e mais excelente domínio, não dependente como eles das criaturas, mas absoluto, soberano, sublime e independente de todos⁶.

Portanto, segundo ele, ninguém e nenhuma realidade se subtrai àquele que é o Mestre de tudo: o Cristo. Toda a humanidade, mesmo os homens que detêm o maior poder sobre a terra, aqui evocados na figura dos "reis", bem como todas as coisas criadas pertencem a seu domínio. Mas com isso Vieira não contribui para dar a imagem de um Cristo que intervém ininterruptamente nos negócios humanos, erigindo-o como legislador, juiz do mundo?

Ao mesmo tempo, o fim do parágrafo pode aclarar a compreensão do texto: trata-se para ele de afirmar a autonomia absoluta do Cristo sobre todos e sobre tudo. Autonomia no sentido de que nenhuma criatura, seja qual for seu status na sociedade humana, pode perturbar a

⁵ António Vieira, HF II, v. p. 299-300.

⁶ António Vieira, HF II, v. p. 300.



equidade do olhar de Cristo sobre todos os homens e todas as situações, nem lhe ditar os caminhos a seguir.

Para defender sua posição, Vieira evocará os melhores teólogos que admitem a dimensão temporal do Império do Cristo. E retoma os argumentos dos que se opõem a essa concepção, evocando o testemunho das Escrituras. Compreender os termos rei e reino no sentido puramente espiritual, como pretendem os opositores dessa opinião, faz violência, para Vieira, ao emprego dessas palavras, que nas Escrituras significam reino e rei temporal e a isso fazem referência. O sentido "próprio e natural das palavras", segundo ele, deve ser respeitado, exceto lá onde haveria "algum grande inconveniente ou absurdo contra a doutrina da mesma escritura recebida pela Igreja [...]". Ora, não os compreender no sentido temporal seria um inconveniente contra a "grandeza e majestade do Cristo". E, considerando que o título de padre se distingue do de rei, o primeiro se associaria antes ao domínio espiritual e o segundo ao temporal.

Eis para ele um argumento muito importante: antes de sua Ascensão, o Cristo afirma que todo poder lhe foi dado sobre o céu e sobre a terra. Como então o poder temporal não estaria aí incluído? Isso não significaria esvaziar de sentido a palavra pronunciada por ele: "Todo poder me foi dado...".?

Vieira tem o cuidado de não colocar em um mesmo plano o que ele chama de império espiritual e império temporal, como ilustra a alusão às duas coroas da profecia de Zacarias: respectivamente em ouro e em prata.

Para ele, somente um império temporal pode destruir ou desfazer um império temporal. Por quê? Porque, para que tal ocorra, é preciso, a seu ver, oposição entre as mesmas coisas, o que não é o caso quando se trata do império temporal e do espiritual⁷.

A profecia de Daniel, no capítulo 7, é para ele igualmente uma prova em favor do império temporal do Cristo. Os impérios temporais não são — tal como ele os compreende — um empecilho a que o Cristo reine espiritualmente. Todos os impérios temporais já estão e sempre estarão submissos ao Império espiritual do Cristo. A soberania temporal lhes será tirada pelo Império temporal do Cristo. Baseando-se no texto de Daniel, Vieira afirma que os cristãos terão esse Império universal sobre a terra. A sequência da afirmação não é tão restritiva. Ao contrário, ele não exclui ninguém. Declara que todos os reis, todos os reinos, todas as repúblicas do mundo nele entrarão.

Há uma evidente recusa da parte de Vieira a atribuir ao Cristo um lugar exclusivamente espiritual. Ele sustenta que seu Império é ao mesmo tempo espiritual e temporal²⁶. Se seu Império é universal, como se pode excluir a dimensão temporal?

Recorrendo ao ensinamento dos Padres, ele evoca, entre outros, os santos Cirilo, Agostinho, Bernardo, Irineu, Cipriano, Hilário, Jerônimo e Ambrósio para mostrar que todo poder temporal foi dado a Cristo pelo Pai. Aqui uma distinção impõe-se para ele. Os santos Padres não negam o poder e o Império de Cristo Rei. O que contestam é a manifestação, a forma de seu reino, que nada tem de comum com os reinos do mundo. Honras, riquezas, poder esplendoroso e opressor não encontram o menor lugar no modo de reinar de Cristo. Eis o

⁷ ABRÃO, Maria. Lembra-te do futuro: a teologia de Antônio Vieira à luz da História do Futuro/Maria Abrão – São Paulo: Edições Loyola; Recife, PE: UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco, 2012.



ponto para Vieira. Poderíamos talvez formular a questão subjacente ao fim de sua argumentação: a ausência dessas manifestações autoriza a negação de um império temporal? Esconde a realidade desse poder temporal do Cristo?⁸.

4. O DOMÍNIO TEMPORAL DO CRISTO

Vieira aplica-se a mostrar no sexto capítulo, sempre se referindo seja às Escrituras, seja às autoridades teológicas reconhecidas em sua época, por que é possível afirmar esse domínio temporal sobre todo o mundo. E assim ele o enuncia:

- 1) pela união hipostática, em que Cristo recebe não apenas o ser e a natureza, mas também todo o poder e domínio sobre o mundo;
- 2) pelo fato de ser filho de Deus, o que o torna herdeiro daquele que é Senhor absoluto;
- 3) pelo ato doador do Pai, sublinhado segundo Vieira muitas vezes nas Escrituras: Salmo 2, Hebreus 1,8, Lucas 2 e ainda: "todo poder me foi dado sobre o céu e sobre a terra";
- 4) pelo resgate da humanidade por seu sangue. A humanidade e todos os bens lhe pertencem.

Por uma razão que nos escapa, o quinto título anunciado no início (do capítulo VI) é passado em silêncio no desenrolar dos argumentos, e o leitor encontra-se diante do sexto título, que faz uma afirmação surpreendente. Trata-se de um consentimento geral em face da eleição do Cristo como rei universal, aquele a quem se dirigia a esperança dos que creem. Entre as autoridades escolhidas para fundamentar esta convicção, Vieira faz apelo, por exemplo, a Alberto Pighio, ao profeta Ageu (capítulo 2), à epístola aos Hebreus (capítulo 12) e a uma interpretação do texto dos reis magos vindos para adorar o Senhor, o que indica o reconhecimento dos pagãos e mostra a universalidade do reino de Cristo. Mas como justificar essa espera de um rei fora do contexto hebreu? Quatro meios são aqui privilegiados: a tradição transmitida de geração em geração desde Adão, o amplo intercâmbio entre os pagãos e os judeus, a Escritura Santa e as revelações particulares que fez o próprio Deus.

A tradição transmitida de geração em geração, primeiro meio, supõe que antes de Babel, isto é, antes da repartição dos povos em diferentes nações, a esperança dos antigos era conhecida. Uma vez conhecida, ela pôde continuar a ser propagada a outros meios.

Para mostrar o segundo meio, a influência da esperança judaica sobre os pagãos, Vieira continua a percorrer as Escrituras para ali encontrar vestígios. A afluência dos diferentes povos a Jerusalém conforme os relatos do Antigo Testamento (por exemplo: SI 86, 1Rs 5,14) e do Novo Testamento (At 2,5 ss., que conta o evento de Pentecostes, com sua diversidade de línguas e de povos), os diferentes lugares em que estavam os patriarcas, Abraão (Canaã), Isaac (Gerara), Jacó (Mesopotâmia), com a promessa de uma grande descendência, são alguns exemplos. Também a estada no país do Egito até a terra prometida, passando igualmente por outros cativos (Salmanasar, Nabucodonosor), que foram ocasião de fazer conhecer sua esperança aos povos pagãos.

⁸ ABRÃO, Maria. Lembra-te do futuro: a teologia de Antônio Vieira à luz da História do Futuro/Maria Abrão – São Paulo: Edições Loyola; Recife, PE: UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco, 2012.



O período em país estrangeiro, tenha sido ele forçado pelas circunstâncias históricas ou espontâneo, Vieira o lê como um meio do qual se serve a Providência para semear entre os povos a espera que os fazia viver. De fato, ele indica três ocasiões principais que colaboraram para o anúncio da fé e dessa promessa de Deus: o comércio, os exílios e a pequenez de seu território.

As Sagradas Escrituras, terceiro meio para que o conhecimento da fé chegue aos pagãos, influenciaram amplamente o pensamento e os escritos desses povos. Vieira fará o elogio das Escrituras tentando percorrer seus diferentes relatos, que para ele excelem com relação aos dos pagãos. Relatos que, suscitando a curiosidade e deleitando a inteligência, instruem na fé e na esperança do Cristo.

Um quarto e último meio é, para Vieira, constituído pelas revelações particulares que Deus fez aos homens e às mulheres das nações pagãs. As tentativas de aproximar os oráculos pagãos da esperança cristã não são fiáveis, dado que os textos citados por Vieira não correspondem aos originais nem a suas traduções⁹.

Vieira prosseguirá o sexto capítulo explicitando ainda mais a verdade do Império temporal do Cristo e o que ele recobre. Por que insistir em atribuir ao Cristo tal Império? Antes de tudo, pelo ser do Cristo, em seguida por seu mérito e finalmente pela vontade divina³⁴. Vieira não pode conceber uma restrição do poder ou do domínio do Cristo, pois ele é o Senhor de tudo. Esse domínio não está de modo algum em contradição com a prática de sua vida humana. Precisamente, a renúncia a exercer um poder temporal à maneira dos poderosos deste mundo é para Vieira o modo do Cristo de expressar seu domínio das realidades temporais. Domínio que não é maior na medida em que é exercido, mas domínio insigne na medida em que, tendo todo poder, “domina” escolhendo não dominar. Isto é para Vieira o domínio supremo e universal. Não é necessário que exerça positivamente seu poder como Rei para ter um poder régio. Continuamente ele escolheu um exercício negativo desse poder, isto é, não se servir de seu domínio, “[...] porque muitas vezes o mais nobre e o mais generoso uso do poder é não querer usar dele”.

Entretanto, Vieira reconhecerá ainda, por meio do testemunho dos evangelhos, alguns aspectos particulares do domínio desse verdadeiro Senhor do mundo, a saber, o chamado dos reis do Oriente, a adoração e os títulos que apresentaram e a entrada deles em Jerusalém para procurar o rei dos judeus.

5. A TEOLOGIA VIEIRINA

Arrisco dizer, a título de ilustração que o que corresponde a *Summa Theológica* para se entender o pensamento de Tomás de Aquino é a *Clavis Prophetarum* em relação a Vieira. O atual estágio da questão por assim dizer, não é senão uma aproximação do pensamento teológico de António Vieira, na tentativa de semear o interesse por essa figura importante, também na história da Teologia no Brasil e na América Latina e por suas intuições profundas. Aqui se pretende acenar para uma análise do desenvolvimento teológico de Vieira que culmina na *Clavis Prophetarum*, obra da qual só tem o contato do Livro III, sendo os demais

⁹ ABRÃO, Maria. Lembra-te do futuro: a teologia de António Vieira à luz da História do Futuro/Maria Abrão – São Paulo: Edições Loyola; Recife, PE: UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco, 2012.



transmitidos por António Lopes, do qual será importante instrumental de contextualização para num segundo momento, perceber em que a obra teológica de Vieira e suas *Profecias* influenciam na obra literária do mesmo, a saber, seus *Sermões*, ambas vividas no palco da biografia, no qual se percebe a coerência do acreditar e pregar, testemunhado em suas *Carta*¹⁰.

6. OS “SINAIS DOS TEMPOS” DO TEMPO DE VIEIRA

A teologia vieirina é motivada dentre outros elementos supracitados pelos acontecimentos que lhe é particularmente sentido como “sinais dos tempos” e que deram o contorno de seu pensamento teológico na forma de uma teologia profética. Há uma confluência de eventos que provoca uma ruptura do quadro interpretativo de Vieira permitindo-lhe um novo “olhar” para os fatos, na medida em que relemos tais fatos sub-repticiamente os sulcos que foram se formando no sentir e pensar deste padre jesuíta. Sem sombra de dúvidas, o principal evento foi a empresa náutica com a descoberta dos novos povos, que permitiam a *evangelização universal* acontecer, o que tornaria a *consummatio* eminente¹¹. Outro fato elementar foi a restauração da Coroa Portuguesa em 1640 após seis décadas de anexação ao trono espanhol que fizera perder a sua autonomia econômica e administrativa sob o domínio filipino iniciada com a morte de D. Sebastião na batalha de Alcácer-Quibir (1578), sendo aclamado pela nobreza, o duque da Casa de Bragança, D. João IV (1640-1656) Rei de Portugal.

Essa resistência, porém, ainda seria combativa até a conquista de um tratado de paz definitivo em 1668. Ainda assim essa restauração para Vieira como para a nação portuguesa era sinal da benevolência de Deus que havia escolhido o Rei e o povo português para lhe servir, encerrando um período de castigo divino pelos pecados luso-brasileiros e privando-os ainda da heresia[da Reforma Protestante] para conquistar os povos para Cristo. O fato de não ter achado o corpo de Dom Sebastião na batalha de Alcácer-Quibir veio ao encontro do messianismo lusitano alimentado principalmente por um sapateiro de troncoso Gonçalo Anes Bandarra (1500-1556), um profeta popular, em continuidade com o também popular São Frei Gil, dominicano do século XIII que também fazia previsões do futuro de Portugal.

Bandarra muito procurado pela população, respeitado inclusive pelo clero, começou a apregoar em 1530 que haveria um rei que faria grandes feitos:

Vejo erguer-se um grão rei/ Todo bem-aventurado/ Que será tão prosperado/ Que defenderá a grei [e que]/ Muerto ressuscitará.

Essa profecia foi atribuída a D. Sebastião o “rei encoberto” expressão atribuída ao rei lusitano em função da conotação de sua messianidade “encoberta” a se manifestar no momento certo, que para Vieira havia chegado. Não intervir na autonomia da nação portuguesa, os demais herdeiros do trono assim o fez, ao ponto de que o processo de restauração da Coroa Portuguesa iniciou-se como uma reação à política fiscal de Filipe IV que ficou conhecida como “*Levante* ou *Alterações de Évora*” ou “*Revolta do Manuelinho*” diante da elevação do imposto da água onde o povo da cidade de Évora deixara de respeitar os fidalgos e o

¹⁰ VILLAS BOAS. Alex. Padre António Vieira: 4º Centenário de um teólogo desconhecido. Revista de Cultura Teológica – V.16 – N. 64 – Jul/Set 2008.

¹¹ VIEIRA, António. Clavis Prophetarum (Chave dos Profetas) – Livro III. Edição crítica de Arnaldo do Espírito Santo. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 2000. 790



arcebispo, que atribuíram as manifestações a um “Manuelinho” um tolo qualquer, a fim de manter no anonimato a subversão alentejana. Mesmo em Camões em *Os Lusíadas* pode-se encontrar um “sebastianismo” na dedicatória do primeiro canto, o que revela a influência desse movimento¹²:

E, vós, ó bem nascida segurança /Da Lusitana antiga liberdade /E não menos certíssima esperança/ De aumento da pequena Cristandade/ Vós, ó novo temor da Maura lança/ Maravilha fatal da nossa idade/ Dada ao mundo por Deus, que todo o mande/Pera do mundo a Deus dar parte grande/ Vós, tenro e novo ramo florescente / De sua árvore, de Cristo mais amada/ Que nenhuma nascida no Ocidente/ Cesárea ou Cristianíssima chamada/ (Vede-o no vosso escudo, que presente/ Vos amostra a vitória já passada/ Na qual vos deu por armas e deixou /As que Ele pera si na Cruz tomou).

7. ESCRITOS TEOLÓGICOS DE VIEIRA

Obviamente que seu pensamento teológico perpassa seus *Sermões* e suas *Cartas*, entretanto aqui, pensam-se nos escritos teológicos *strictu sensu* de Vieira, a saber, *Esperança de Portugal* e *História do Futuro*, os autos do *Processo de Inquisição*, o conjunto de escritos que compõem sua *Apologia* e sua principal obra *Clavis Prophetarum* ou *De Regno Christi in terris consummato*. O gênero literário dos *Sermões* em comparação com os escritos teológicos destoa tal qual o sol e a lua, podendo ser até mesmo uma decepção para quem está acostumado com a genialidade linguística dos *Sermões*. As maiorias desses escritos ganharam sua forma final por um motivo catalisador que foi justamente a sua acusação no Tribunal da Inquisição Portuguesa. Em *Esperanças de Portugal* uma carta enviada ao Bispo do Japão, André Fernandes que lhe pedia “maior clareza” a respeito da “futura ressurreição do nosso bom amo El-Rei D. João, o IV” responde tudo num “silogismo fundamental”:

“O Bandarra é verdadeiro profeta, o Bandarra profetizou que El-Rei D. João o 4.º há de obrar muitas coisas que ainda não obrou, nem pode obrar senão ressuscitando[...] e como estando morto não as pode obrar, segue-se infalivelmente há de ressuscitar”.

E parte para apresentação das provas que irá se concentrar em apresentar como de fato Bandarra é profeta, mostrando como Deus cumpre suas promessas a seus profetas, citando Abraão e São Paulo e a verdadeira prova do profeta é o “sucesso das coisas profetizadas”, logo *“Bandarra foi verdadeiro profeta, pois profetizou e escreveu tantos anos antes tantas coisas, tão exatas, tão miúdas, e tão particulares, que vemos todas cumpridas com os nossos olhos”*. Entre estas, profetizou que haveria uma grande tormenta [identificada com o levante de Évora] que passada serviria de alento para uma nova fase [Restauração], e ainda teria dito que haveria nesse tempo o desejo de mudança, a suspirar por um tempo vindouro e o cumprimento desse desejo seria no ano quarenta sendo o novo rei um infante por nome João e continua como uma série de fatos coincidentes com o das *trovas* proféticas para depois começar a revelar os acontecimentos atuais mostrando que Deus trata Bandarra tal qual Isaias, Ezequiel... e para maior prova da ressurreição de D. João IV, Deus neste profeta sapateiro

¹² VIEIRA, António. *História do Futuro*, p. 198.



realizou muitas ressurreições confirmando sua eleição divina, tal como em um Santo de sua ordem recentemente, São Francisco Xavier havia ressuscitado 25 pessoas¹³.

Em *História do Futuro*, Vieira em 1649 tenta apresentar como o *Quinto Império* seria efetivado na terra a partir do Reino de Portugal prenunciado na profecia de Daniel que compara os impérios a uma grande estátua com a cabeça de ouro (Babilônia), o peito e os braços de prata (Persas), o ventre e as coxas de bronze (Gregos) e as pernas de ferro (Romanos) com os pés parte de ferro e parte de argila, como sinal de sua fragilidade e para Vieira, a divisão do Império Romano era representada na divisão de duas pernas e dez dedos que conotariam os dez reinos que haviam em sua época:

“Portugal, Castela, França, Inglaterra, Suécia, Dinamarca, Moscóvia, Polônia e Estado ou Império Turco, e o mesmo Império Romano, que compreende Alemanha e Itália”.

E a fraqueza das extremidades [dedos] do Império tem como principal causa a *“desunião daquelas partes que por serem mais conjuntas em sangue e parentesco, tinham obrigação de serem mais unidas”* e aqui de modo especial critica a Coroa Espanhola pela exploração de Portugal na época do domínio filipino. A *“pedra”* que desceu do monte e derrubou a estátua reduzindo-a a pó, significa um novo e Quinto Império que há de se levantar nos últimos dias dos outros quatro impérios. E vai apresentando sempre através das Escrituras e dos Padres como haverá um Império de Cristo, a *“pedra”* não somente espiritual, mas também temporal diferente dos outros quatro anteriores que há de durar até a vinda do Anti-Cristo quando então irá se instaurar o Reino de Cristo presente no Livro I e II da obra onde havia interrompido. Vieira retoma a redação que havia parado, já estando ele envolvido com a Inquisição (1663-1668) que o obriga a dar as razões de suas *Esperanças de Portugal*.

O livro é como a resposta que não lhe foi concedido a dar satisfatoriamente, pois os interrogatórios da Inquisição só o permitiam responder praticamente em afirmativas ou negativas. E acrescenta na *História do Futuro* o *Livro Antepimeiro* dando maiores explicações do por que suas *“esperanças”* estão destinadas ao povo português:

Para exaltação da Fé, para triunfo da Igreja, para glória de Cristo, para felicidade e paz universal do Mundo, altos conselhos, animosas resoluções, religiosas empresas, heroicas façanhas, maravilhosas vitórias, portentosas conquistas, estranhas e espantosas mudanças de estados, de tempos, de gentes, de costumes, de governos, de leis; mas leis novas, governos novos, costumes novos, gente novos, tempos novos, estados novos, conselhos e resoluções novas, empresas e façanhas novas, conquistas, vitórias, paz, triunfos e felicidades novas¹⁴.

E assim escreve porque o melhor serviço que pode fazer um *“vassalo”* ao *“rei”* é *“revelar-lhe os futuros”* tal como Daniel a Baltasar que revelara a escritura na parede sobre o fim do império. Visa Vieira despertar o povo reanimando-o: *“Vivei, vivei, portugueses, sois vós, os que mereceis viver neste venturoso século!”*. Pois esta *História do futuro* será do *“presente”* e os portugueses serão os *“instrumentos prodigiosos”* para a instauração do Quinto Império de Cristo. A utilidade dessa história profética é: 1ª para que o incrédulo creia quando acontecer; 2ª é que é mais necessária aos *“tempos próximos e presentes, a paciência,*

¹³ VILLAS BOAS. Alex. Padre António Vieira: 4º Centenário de um teólogo desconhecido. Revista de Cultura Teológica – V.16 – N. 64 – Jul/Set 2008.

¹⁴ VILLAS BOAS. Alex. Padre António Vieira: 4º Centenário de um teólogo desconhecido. Revista de Cultura Teológica – V.16 – N. 64 – Jul/Set 2008.



constância e consolação nos trabalhos, perigos e calamidades com que se há afligido”, e por fim, a 3ª utilidade é para preparar o povo e o rei a acolher as “*disposições divinas*” para tudo facilitar e animar. É ao analisar o passado e o presente de Portugal, que Vieira vislumbra seu futuro, e relê tanto os fatos históricos quanto a história da salvação como uma espécie de tradição da Esperança onde as *profecias* são como uma “*candeia nas mãos dos profetas*” onde mesmo aquele que não é profeta pode entrar com os “*raios deste farol divino*” nos passos escuros e dificultosos do futuro:

Por isso os Profetas na Sagrada Escritura se chamam por antonomásia Videntes, porque com o lume da profecia, entram nos lugares escurecidos e secretásemos dos futuros e viam neles claramente aquelas cousas para que todos os outros homens fossem cegos, e ninguém as podia ver senão alumado da mesma luz.

Vieira num momento tenebroso da história de Portugal se serve das Escrituras e das fontes patrísticas para transubstanciar uma história de trevas para uma história que caminha para a luz, e os portugueses são aqueles a quem “*Cristo abriu o primeiro caminho pelo mar*”. Contudo, Vieira abandona o projeto inicial de sete livros da *História do Futuro* em 1665 para escrever sua defesa das proposições da Inquisição que teve fim em 1668. No que então iniciaria em 1669 aquela que considerou o grande emprego de esforços e estudos de toda a sua vida e até o fim dela, a *Clavis Prophetarum*.

8. CLAVIS PROPHETARUM OU REGNO CHRISTI IN TERRAE CONSUMMATO

Clavis Prophetarum é uma obra essencialmente teológica onde aqui, Vieira não está preocupado em mostrar “quando” cronologicamente irá acontecer a *consummatio* como fez em *História do Futuro* e *Esperanças de Portugal*, mas procura revelar através de um vasto conhecimento teológico de sua época no mais puro estilo escolástico sem abandonar o uso igualmente vasto de uma *approbatio Scripturae et Patristica* (aqui Vieira nem mesmo cita Bandarra) “como” há de acontecer a consumação do Reino de Cristo e quais seus fundamentos. O título da obra já contém seu programa: as *chaves [clavis]* de leitura para se reconhecer como o Reino de Cristo será consumado na terra. Essas chaves são:

- 1) o que dizem os profetas;
- 2) descobrir o segredo da “total transformação deste mundo concreto” na sua lenta reconciliação de todos os homens, religiões e culturas entre si, condição *sine qua non* para o “juízo universal” e a passagem para “novos céus e uma nova terra”, quando tiver desaparecido tudo o que é egoísmo e violência;
- 3) a chave das chaves que é o chamamento de Jesus Cristo para cada um na colaboração desta transformação do mundo, ou seja, o *Regno Christi*.

No Livro I, segundo Lopes trata da questão da natureza do Reino prenunciado desde os princípios da criação, percorrendo todos os profetas (e não só os canônicos) se realizando na Nova Aliança, onde está todo o fundamento do Reino de Cristo ser “temporal” e “espiritual” (que corresponde a “universal” no conjunto da obra), a rigor sua “união hipostática” que segue crescendo até a sua plena realização no alto da cruz. Trata ainda de como conciliar o poder universal de Cristo, a saber, seu reinado espiritual e temporal, que deve seguir o



caminho de Cristo de sua pobreza, humildade e radical despojamento. Por fim, encerra o Livro I dizendo que todos os homens de todos os tempos e de todas as partes tiveram sempre a possibilidade de conhecer os mistérios de Cristo, mesmo antes de sua vida, a saber, pela:

- 1) iluminação do Espírito Santo, mestre interior de todos;
- 2) pelo véu dos sacrifícios que intentava a reconciliação com Deus;
- 3) fora do povo eleito, que através de Moisés e dos Profetas foram chegando às mãos dos filósofos;
- 4) com a diáspora dos judeus essa palavra chegaria também ao Egito, Pérsia e Assíria;
- 5) na própria fonte, em Jerusalém.¹⁵

Também aborda qual a relação de Cristo ressuscitado com a Igreja, a saber:

- 1) atualizando o sacrifício;
- 2) intercedendo;
- 3) assistindo com visitas muito pessoais inconstantes a cada um daqueles que se afadigam no anúncio do Reino;
- 4) iluminando;
- 5) defendendo;
- 6) julgando;
- 7) propiciando operários e missionários.

Diverge de São Tomás na distinção entre membros atuais (dentro da Igreja) e membros potenciais (fora da Igreja), entendendo todos como membros atuais, inclusive os corruptos, no qual a soberania de Deus é maior e pode usar de qualquer coisa e pessoa independente de méritos. No Livro II aborda sobre a *consummatio* e a abrangência do Reino “universal”, o de todos os homens que o realizam e efetivam, e o “próprio” com menção ao povo eleito, num “sentido propriíssimo” no tocante àqueles que fizeram a adesão de vivê-lo e anunciá-lo. Este povo então, que coincide com a Igreja Católica, é agente do Reino que o vive em três estádios:

- 1) incipiente (até Constantino);
- 2) incompleto (tempo de Constantino em diante), e;
- 3) *consumado* quando da realização perfeita, a saber, quando o Evangelho for pregado e aceito por todos os povos de todos os tempos e espaços.

Dedica três capítulos à questão dos estádios sendo um para a opinião dos teólogos de sua época, um para os Padres da Tradição e um para as Escrituras respectivamente. Continua o livro com a questão do *Templo de Ezequiel* onde defende a restauração do templo para que os judeus façam seus sacrifícios, uma vez que mesmo não sendo sacramentos *strictu sensu* são importantes para a conversão dos judeus e conforme a disposição do coração, podem alcançar

¹⁵ VILLAS BOAS. Alex. Padre António Vieira: 4º Centenário de um teólogo desconhecido. Revista de Cultura Teológica – V.16 – N. 64 – Jul/Set 2008.



a graça *ex opere operatis*, concluindo com um tratado sobre a Santidade da Igreja no último estádio e um tratado sobre a Paz Messiânica que há de ser para todos os povos. No Livro III, vai desenvolver sua teoria da Evangelização unida estreitamente à escatologia, conforme influência suaresiana, mas a desenvolve de um modo próprio, onde olhando para *consummatio* do Reino de Cristo como uma comunhão universal, um estágio de convivência pacífica entre as pessoas, culturas e religiões e em comunhão com Deus, Vieira a enxerga numa dinâmica processual, conseguindo distinguir os elementos hermenêuticos diferenciados de cada cultura e religião. Para que se possa evangelizar é preciso que se saiba qual o horizonte da Evangelização e se entende esta como uma tarefa escatológica, ou seja, uma finalidade própria que podemos dizer coincide com o devir humano. Vieira vai mostrar o porquê de suas pontuações histórico-cronológicas de seus outros escritos a partir desse fundamento onde a eternidade irrompe o presente projetando-a para adiante, para um tempo futuro que a teologia identifica como “promessas de Deus” ou “profecia”, expressões indicativas da vontade e do modo de Deus agir, como por exemplo, a Ressurreição que se concretiza na realização da promessa de Deus.

Quando em tempos obscuros de se obter um *sentido verdadeiro* das coisas, são elas nossas guias para se conseguir uma opinião sobre o significado dos tempos, que ainda que obscura e difícil seja uma opinião fundada numa conjectura provável a partir do modo de Deus agir e não mera especulação do futuro que está acima da capacidade humana de conhecê-lo. O tempo dos profetas e da Nova Aliança prefigurada por eles não se conhece com números, “*mas por meio de circunstâncias, condições e sinais, embora obscuros e imprecisos*” o que faz com que o profeta procure com todos os esforços de sua mente a parte de conhecimento que lhe é negada por sua condição temporal. Assim se deu no anúncio da destruição do Templo por Jesus, não estava em jogo “quando”, mas o “por que” ligado as “*impie gererentur*” do Templo, ou seja, a queda do Templo foi prenunciada não com uma data, mas por uma “causa”, as impiedades feitas no Templo. E assim, lendo os sinais de seu tempo, Vieira desenvolve seu pensamento teológico do qual tal como os Padres “*a partir das doenças e envelhecimento do mundo [...] prediziam e pregavam o seu próximo desaparecimento embora se tenham enganado na sua conjectura*” a respeito do “fim do mundo”, mas não a respeito dos fundamentos da Revelação de Deus, ou seja, de sua vontade. Deste modo, a escatologia é profética por revelar o plano de Deus e desmascarar todas as injustiças e impiedades que são contrários ao Reino de Cristo. Vieira analisa o processo evangelizador desde os primeiros séculos com a evangelização dos gregos e vai percorrendo século a século a expansão do cristianismo até chegar às Índias Orientais evangelizadas por seu irmão de ordem São Francisco Xavier e as missões do Grão-Pará no Maranhão, para descrever como “a partir dos frutos do Evangelho” deve ser Evangelização Universal e aponta três instrumentos indispensáveis:

- 1) o próprio Cristo, que o pregador deve estar “unido” tal qual a espada na mão do guerreiro e por seu Espírito, vai agindo no interior das pessoas;
- 2) homens de grande santidade, pois é assim que o Evangelho se torna “inescusável”e;
- 3) os príncipes seculares que devem servir na justiça do qual Deus lhes pedirá conta o dia do “juízo”¹⁶.



Vieira ao pensar na conversão universal pela pregação do Evangelho não se limita ao uso retórico das palavras, mas o anunciador deve ter uma pregação “*sincera, forte e eficaz*” fruto de um verbo congeminado com o Verbo do Céu para penetrar o mais íntimo do coração dos homens. Estes não vêm com os olhos, mas com o ouvido, por isso a palavra quando sincera ilumina a interioridade do homem, uma espécie de insinuação de Deus na alma, uma “unção” do Espírito Santo que por si mesma ensina. Deste modo, a pregação do Evangelho não é um discurso retórico apenas, mas a partilha poeticamente exprimida sim, sincera de quem encontrou um caminho de salvação, entendida como possibilidade nova de vida. Pode-se dizer que Vieira olha para a condição humana e seu processo hermenêutico histórico, que pode ser evidenciado em dois temas:

1) na conversão universal de todos os povos que não significa um único rito, mas uma descoberta do mistério de Deus progressiva, que pode ser percebida na “pregação muda das criaturas” em sua beleza, sugerindo uma certa ordem no universo que pergunta por seu Autor; no conhecimento natural das virtudes e mesmo os povos que ainda não foram alcançados pela pregação, Deus “providencia não providenciando” e mesmo em sua ignorância no Evangelho, pode conhecer a Deus pois o Espírito não cessa de insuflar os movimentos interiores para o Bem; na pregação da palavra ainda que seja por “rumores” superficiais, abre espaço para uma posterior pregação mais profunda;

2) na concepção de conversão dos judeus, de conceder “dispensa eclesiástica” do sacrifício eucarístico para voltarem ao sacrifício do Templo, por ser essa a manifestação de compulsão do coração a Deus entendida pelos judeus, deste modo e reestabelecendo o Templo, as dez tribos dispersas poderão se reunir novamente e Elias então ao voltar é que lhes revelará o mistério de Cristo. Vieira parece romper com o racionalismo da baixa escolástica ao criticar os fundamentos de grandes teólogos que parecem para ele, confiarem mais em seus raciocínios elaborados do que nos oráculos divinos das Escrituras. Nosso teólogo orador parece entender que há uma ação misteriosa e invisível de Deus (em épocas de se reforçar a visibilidade institucional da Igreja) que provoca insistentemente todo homem para o Bem, quando todos negavam ao nativo a qualidade de ser humano. Dessa insistência de Deus para conduzir ao bem é que emerge a necessidade do testemunho de santidade como reflexo de uma procura interior que pela pregação sincera pode dar forma e nome a essa busca desconhecida ao próprio ser humano. O pensamento de Vieira parece confiar nesse movimento de Deus de impulsionar para o Bem, numa espécie de ecumenismo embrionário que enxerga o Reino de Cristo como a convivência fraterna universal, unidos no Bem e na Justiça.

9. A PRÁXIS DO PADRE ANTÓNIO VIEIRA

Podemos dizer que o profeta não conhece o calendário de Deus, mas sua vontade, e assim a apregoa como a missão de sua vida. Como bem disse Hernani Cidade: *Falar, para ele é quase sempre agir*¹⁷. Sua palavra é um *instrumento de ação*. Mesmo antes da sua ordenação,

¹⁶ VILLAS BOAS. Alex. Padre António Vieira: 4º Centenário de um teólogo desconhecido. Revista de Cultura Teológica – V.16 – N. 64 – Jul/Set 2008.

¹⁷ CIDADE, Hernani. Pe. António Vieira – A obra e o Homem. Lisboa: Arcádia, 1979, p. 23



precisamente dois anos, já exercia uma função de pregador. Por sua palavra, Vieira colocaria em prática suas intuições teológicas que foram evoluindo de conteúdo e forma ao cabo de cerca de 70 anos. Seguindo a escatologia suaresiana, tendo iniciado a evangelização de todos os povos, Vieira irá se dedicar a ser instrumento de Deus para que os demais sinais se realizem à reconciliação de todos os povos e à conversão dos judeus. Sendo o Reino de Cristo universal e o Evangelho, o instrumento de inauguração desse Reino, deveria pregar para o mais “profundo” da alma, de modo que sua palavra deveria ser a espada afiada e penetrante na mão de Cristo. Para atingir a universalidade do Reino de Cristo, pregou a todos os escravos em forma de solidariedade humana unindo aos sofrimentos de Cristo diante do fatídico [*Sermão do Rosário* no dia de São João] e ao mesmo tempo, aos colonos pela libertação da escravatura apregoava ao oprimido e ao opressor, ao primeiro lhe oferecia a palavra que consola e permite resistir, ao segundo a mesma palavra que incomoda e lhe exige mudança. O mesmo fizera com a questão dos nativos, e por esses foi reverenciado como *Paiacu* [*Grande Pai*] que lhes gerou vida nova pela palavra e pela forma de organização comunitária das Missões, e exatamente por causa deles foi odiado pelos poderosos que os exploravam. Por ocasião da Restauração da Coroa em 1941, sua palavra estava a serviço do Rei que para Vieira era o instrumento da *consummatio* por excelência, do púlpito fez sua cadeira de deputado, como conselheiro do rei e pregador régio da corte, lutou com sua espada/verbo pela justiça purificadora do Reino de Portugal, como instrumento da consumação do Reino de Cristo na terra. Como diplomata foi enviado à Holanda em 1646, e no ano seguinte à França para negociar importantes questões de devolução de terras e o fazia com amor a Portugal. Para Vieira, a Cristandade não era convivência com o Estado, mas exercia a função profética de lhe obrigar a justiça e o bem do povo¹⁸.

Exerceu sua missão política como realização dos seus votos, em sua *pobreza* administrou fortunas e acabou tão somente com um amontoado de papéis; em sua *castidade* nem mesmo seus críticos ousaram alegar alguma coisa em sua *obediência*, tudo o que fez estava em estrito e zeloso cumprimento de seus superiores, fosse da Companhia, do Papa ou do Rei. Ao cabo de sua missão política iria realizar um grande sonho de infância, a de ser missionário no Maranhão e chegando lá, lutou *com suas palavras* para obter a exclusividade das missões dos nativos e para livrá-los da exploração mercantil dos colonos. Entretanto, por mais que brava e heroicamente tenha lutado, todas as batalhas foram perdidas, não por sua incompetência, mas pelos intransponíveis obstáculos impostos por aqueles que tinham seus interesses ameaçados. Isso revela a grandeza de Vieira, pois a cada derrota saiu como verdadeiro *alter Christus*, de cada morte, uma nova ressurreição. De sua última derrota com a *Inquisição Portuguesa* é que nasce a sua semente de esperança, a *Clavis Prophetarum*.

10. O PATHOS POÉTICO NA TEOLOGIA E LITERATURA DE VIEIRA

Esse que foi considerado o *Imperador da língua portuguesa*, como o chamara Fernando Pessoa, serve de “hipodigma” para a relação que pode existir entre Teologia e Literatura, como aquilo que está por debaixo, na base, sustentando o modo de pensar do autor que

¹⁸ VILLAS BOAS. Alex. Padre António Vieira: 4º Centenário de um teólogo desconhecido. Revista de Cultura Teológica – V.16 – N. 64 – Jul/Set 2008.



manifesta o seu ser mais profundo, como uma marca característica que só pode ser entrevistada como um arrebol percebido em momentos especiais de um entrecruzamento dos polos rítmicos do tempo, naquilo que permite enxergar a beleza poética da criação quando dia e noite se tocam. Assim é a relação entre o Vieira dos *Sermões* e o das *Profecias*, respaldado pelas suas *Cartas* como indicativo de sua biografia. Este encontro entre Teologia e Literatura não é fruto de um modismo interdisciplinar, mas antes, reflete o esforço do pensamento em interpretar o mistério humano que se recusa a ser visto de um único ângulo na irredutibilidade de ser para um *pensar poético teológico* que amplia o corredor estreito da *ratio* clássica.

Poesia aqui é vista em sentido lato, como a capacidade de veicular a beleza comovendo o ser em sua existência, seja por apresentar a forma horrenda da mediocridade, seja por vislumbrar novas formas [mais belas] de ser e, portanto, mais profundas, na medida em que a estética [Belo] revela a ética [Bem], até então não percebida. E, por referir-se ao real, revela a veracidade [Vero] desse Bem na existência e o desejo de unir-se [Uno] a essa verdade sentida, de fazê-la sua, por sua coerência estética que encanta e espanta, e assim humaniza o humano.

No dizer de Heidegger é a “poesia” e não o “conceito” capaz de fundar novas possibilidades de ser, pois não é mera informação esteticizada, mas mensagem performática que envolve a vida, encantando-a para uma nova perspectiva de devir, onde a poesia [*dichtung*], na medida em que procura “dizer” uma interpretação adequada da vida, difere da “fala” [*Gerede*] simplesmente, que cede ao esquecimento “do que” fala sem se apropriar do sentido daquilo que a vida lhe diz, encerrando-se num falatório que não diz nada. Fala sem sentir as palavras e a vida que nelas se esconde. Aqui, poesia antes de um gênero literário, é uma tarefa de criação e criatividade da existência. A relação da arte em geral e da literatura em particular com a existência, é que o ser humano é afetado por ela e, ao entrar em contato significativo com uma obra, acontece uma “reunião” entre artista, arte e realidade, gerando um encantamento diante das possibilidades de ser mais humano, a saber, realizar o modo próprio de ser humano. Nessa relação o pensamento poético cria, não porque *a priori* tem algo a dizer, mas antes porque escuta alguma coisa que lhe fala e, em seu potencial simbólico, reagrupa, re-significando novas sínteses dentro de uma atitude de consciência diante da realidade que a afeta, numa totalidade que reorienta suas decisões fundamentais. No dizer de Hölderlin *...poeticamente, habita o humano esta Terra*. A busca de sentido, como a procura do que é significativo para a vida, pode ser entendida como uma vida poeticamente vivida, com a minúcia de encontrar a melhor combinação da existência, a forma mais bela, uma recusa insistente à mediocridade rumo à excelência na procura do “humano do humano”.

É esse epicentro antropológico das letras que permite um encontro da Teologia com a Literatura, pois o *Logos* fundamental da Teologia é esse que se fez “humano do humano”¹⁹, um mistério teândrico. Portanto, além de ter um discurso antropológico fundamental, também comporta até mais, o “dizer” de um Deus que ama o humano, o que confere à teologia uma missão *ontofânica*²⁰ não de “explicar” o ser de Deus ao ser humano, mas de apresentá-lo como um ser que o ama e participa de sua realidade. Essa centralidade antropológica de ambas é que as distingue de uma mera “logologia”, palavras a respeito de palavras²¹, mas antes, constituem por sua intenção antropológica, um discurso poético, evocando aqui seu

¹⁹ VILLAS BOAS, Alex. *Dos teus lábios aos meus*, 2008, p. 76.

²⁰ GEFFRÉ, Claude. *Crer e Interpretar – A virada hermenêutica da teologia*, 2004, p. 39.

²¹ MANZATTO, Antônio. *Teologia e Literatura*, 1994, pp. 40-41.



substrato semântico mais profundo, o de *criar* [do grego *poetéo*] um humano mais belo, ajudando-o a interpretar a si mesmo, seus diferentes momentos e seu entorno.

Assim fazem como que em espelho, onde o humano se identifica na arte do *corpus* literário de cada uma dessas tradições teológica e literária, e de um modo todo especial no encontro das duas que fortalece sua combinação na rima da esperança, como registra a “pena” do Pe. António Vieira. Vieira amplia o princípio escolástico que reza *modus cognoscendi sequitur modum essendi* [o modo de conhecer algo acompanha seu modo de ser] para além-muros da teologia de *Schola* para ser cristão e não só metafísico, pois as antíteses e as oposições que Vieira emprega antes de serem exercícios de lógica escolástica nascem da percepção profunda dos aspectos contraditórios da realidade, e por sua percepção de Deus e sua consequente teologia de reconciliação universal pode-se dizer que as contradições barrocas foram sentidas no anseio enciclopédico unificador da Renascença, e viu no Evangelho o elemento unificador de todas as coisas²².

Ainda que os *Sermões* e a *Profecia* devam ser vistos em conjunto e não de modo justapostos, mas na complexidade interativa onde as duas esferas operam de modo alternado passiva e ativamente na visão de mundo de Vieira, onde perscruta de sua teologia o ser de Deus e de sua poesia o ser do humano permitindo que na sua pregação o Verbo seja encarnado. Com efeito, sua teologia atinge uma densidade humanística à frente de seu tempo e *sincrônica* ao nosso quando vislumbra uma paz universal, que só foi possível por uma “razão poética” que se dirige ao profundo em vista de integrar tais profundezas humanas numa harmonia existencial, como razão que gera vida vislumbrando novas possibilidades de ser a partir de onde se está do concreto, ou nas palavras de Vieira, no *Reino temporal de Cristo*. Com efeito, Edgar Morin atribui essa capacidade de visão, ou melhor, esse “estado de vidência” a um “estado poético” que encontra sua “fonte na vida” e por isso é que “o poeta tem uma competência total, multidimensional que diz respeito à humanidade e à política, mas não tem que se deixar subjugar pela organização política²³”.

Ainda falando da complexidade estabelecida entre o *estado poético* e o *estado teológico* do autor, pode-se perceber que se por um lado é a formação teológica de Vieira da clássica unidade da *fides et ratio* que permite uma hermenêutica com elementos críticos da vida e da sociedade colonial, é a formação espiritual inaciana de Vieira de “sentir” Deus para melhor amá-Lo e servi-Lo que permitirá uma amalgama entre *logos* e *pathos* resultando numa *teologia profética* que vislumbra para além dos limites de seu tempo a partir desse *estado poético* de escutar a vida e deixar-se afetar por ela renunciando a condescendência com o sofrimento e a exploração do mais fraco e injustiçado.

²² VILLAS BOAS. Alex. Padre António Vieira: 4º Centenário de um teólogo desconhecido. Revista de Cultura Teológica – V.16 – N. 64 – Jul/Set 2008.

²³ Edgar Morin vê justamente como um momento de inflexão da poesia a Renascença onde ela vai se tornando “cada vez mais profana” cf. MORIN, Edgar. Amor, Poesia, Sabedoria. Lisboa: Instituto Piaget, 1997, pp. 35-46.



CONCLUSÃO

A dinâmica *pathos-logos* da teologia de Vieira permite resignificar a *paixão* barroca da resignação ao sofrimento para uma *paixão* que se solidariza com o sofrimento e resiste à morte desejada por seu carrasco, ainda que seja na forma de vida reduzida. Abraham Heschel, teólogo judeu, especialista em literatura profética vai dizer que os profetas do Antigo Testamento não tinham uma “ideia” de Deus, mas sim um “entendimento” que não era fruto de especulações teóricas, mas sim uma apresentação de um Deus preocupado com o ser humano, revelando suas atitudes mais que ideias sobre Deus e a atitude por excelência é fruto do *pathos* de Deus. Os profetas são aqueles que proclamam o “*pathos de Deus*” em sua preocupação com o mundo que constitui o *ethos* divino. Em Deus *pathos* e *ethos* estão em unidade, é a *paixão* pelo humano que pede o cuidado pelo mesmo. Heschel chega mesmo a identificar que a inspiração poética e a percepção da revelação divina acontecem do mesmo modo como um *raptus mentis* que inebria o *pathos* do poeta/profeta com o *pathos* de Deus. Essa relação *sin-pathica* que se estabelece entre o profeta e o Deus que se revela, testemunhada nas Escrituras vinha ao encontro do mais profundo desejo de justiça e indignação com a injustiça daquele que o percebia. Deus manifesta seu *pathos* [sua capacidade de se deixar afetar] no *pathos* daquele que o percebia onde coincidia o mesmo *ethos*, elevando o sentimento e percepção de quem descobria Deus como aquele que “sentia junto” [*sin-pathos*] a miséria do Povo, e elevava o “com-padecimento” da pessoa à coragem de ser profeta. A *paixão* de Deus pelo povo era percebida pelo profeta como aquele que também estava com-padecido pelo sofrimento. Moisés, o modelo por excelência de profeta é atraído pelo *fogo* da sarça e ali, Deus o chama se revelando como Aquele que também viu (“*Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito*” cf. Ex 3, 7) o que Moisés tinha visto (“*Moisés [...] saiu para ver os irmãos e viu as tarefas que pesavam sobre eles*” cf. Ex 2,11), mas não somente se identifica com o sentimento de justiça de quem o percebe, mas o chama [se dá a conhecer] para partilhar de sua *paixão* e de sua vontade: “*Vai [você que enxergou a injustiça], pois, eu [que desejo a justiça] te enviarei a Faraó para fazer sair do Egito o meu povo, os filhos de Israel (Ex 3, 10) que ao participar do pathos de Deus lhe infundem a coragem de ser seu profeta por sua presença: “Eu estarei contigo” (Ex 3, 12).*

Assim, *mutatis mutantis* o Vieira dos *Sermões* viu a exploração de seu povo, mas mais que isso, o Vieira das *Profecias* viu que Deus também via e por isso a leitura teológica de Vieira sobre as profecias e de modo especial sobre a profecia de Daniel, as veem não como o “fim do mundo”, mas como uma intervenção de Deus no curso de uma história da qual tem especial cuidado. Por seu *pathos* poético é que profetiza a vontade de Deus de que todos se salvem, e que na promoção do Bem é que Cristo seria reconhecido como o Salvador e Senhor, independente de credo ou cultura, para além da visão de que fora da Cristandade não há salvação. Karl Rahner um grande teólogo jesuíta quase três séculos depois, vai apresentar a tese de um “cristianismo anônimo” ao falar daqueles que procuram viver a integridade de vida, não sem a graça de Deus que crê possível ser percebida como “pura humanidade” [*reine Menschlichkeit*]. O Espírito é quem prepara em sua presença silenciosa o momento da proclamação do *Kerigma* que necessariamente deve ser *palavra poética*, [*dichterischen Wort*] pois só ela pode ouvir (1º pressuposto) e buscar o coração do humano como palavra certa (2º pressuposto) que une e reconcilia o humano com Deus e com seu próximo por descobrir a beleza do mistério do amor (3º pressuposto) na palavra encarnada na concretude da vida por



carregar uma graça compadecida [*erbarmende Gnade*] (4º pressuposto), assim afirma que a sensibilidade para perceber a *palavra poética* é um pressuposto para *ouvir a palavra de Deus* como sentido da vida. Poesia e humanidade são sinônimas para Rahner e por que o Verbo se fez humano, todos os textos das Escrituras são poéticos, e por isso o sacerdócio pede a poesia, a saber, entender a profundidade do *pathos* de Deus pede entender a profundidade do *pathos* humano. Só se é poeta quando a palavra percorre a trajetória do coração a boca²⁴.

BIBLIOGRAFIA

- ABRÃO, Maria. Lembra-te do futuro: a teologia de António Vieira à luz da História do Futuro/Maria Abrão – São Paulo: Edições Loyola; Recife, PE: UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco, 2012.
- António Vieira, HF I, II v. p. 73-74; 277; 299-300.
- VILLAS BOAS, Alex. Padre António Vieira: 4º Centenário de um teólogo desconhecido. Revista de Cultura Teológica – V.16 – N. 64 – Jul/Set 2008.
- VIEIRA, António. Clavis Prophetarum (Chave dos Profetas) – Livro III. Edição crítica de Arnaldo do Espírito Santo. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 2000. 790 p.
- VIEIRA, António. História do Futuro, p. 198.
- CIDADE, Hernani. Pe. António Vieira – A obra e o Homem. Lisboa: Arcádia, 1979, p. 23.
- VILLAS BOAS, Alex. Dos teus lábios aos meus, 2008, p. 76.
- GEFFRÉ, Claude. Crer e Interpretar – A virada hermenêutica da teologia, 2004, p. 39.
- MANZATTO, Antônio. Teologia e Literatura, 1994, pp. 40-41.
- Edgar Morin vê justamente como um momento de inflexão da poesia a Renascença onde ela vai se tornando “cada vez mais profana” cf. MORIN, Edgar. Amor, Poesia, Sabedoria. Lisboa: Instituto Piaget, 1997, pp. 35-46.

Recebido em: 02/01/2017
Aprovado em: 02/06/2017

²⁴ VILLAS BOAS, Alex. Padre António Vieira: 4º Centenário de um teólogo desconhecido. Revista de Cultura Teológica – V.16 – N. 64 – Jul/Set 2008.